

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2008

## A MESTRIA DO POETA LÍRICO: NOTAS SOBRE HORÁCIO (5) *ODE 4.7*

### 1. Texto

Difugere niues, redeunt iam gramina campis,  
arboribusque comae;  
mutat terra uices et decrescentia ripas  
flumina praetereunt;  
Gratia cum Nymphis geminisque sororibus audet 5  
ducere nuda choros.  
Immortalia ne speres, monet annus et alnum  
quae rapit hora diem.  
Frigora mitescunt Zephyris, uer proterit aestas,  
interitura simul 10  
pomifer autumnus fruges effuderit, et mox  
bruma recurrit iners.  
Damna tamen celeres reparant caelestia lunae:  
nos ubi decidimus  
quo pater Aeneas, quo diues Tullus et Ancus, 15  
pulis et umbra sumus.  
Quis scit an adiciant hodiernae crastina summae  
tempora di superi?  
Cuncta manus auidas fugient heredis, amico  
quae dederis animo. 20  
Cum semel occideris et de te splendida Minos  
fecerit arbitria,  
non, Torquate, genus, non te facundia, non te  
restituēt pietas;  
infernīs neque enim tenebris Diana pudicum 25  
liberat Hippolytum,  
nec Lethaea ualet Theseus abrumpere caro  
uincula Pirithoo.

## 2. Tema

Olha o homem (o poeta) a Primavera, seus sinais, suas imagens, e dá consigo a contemplar o cíclico devir das estações. Assim parece ser, também, o homem, cujas idades se sucedem, uma após outra, da primaveril juventude, até à invernososa velhice.

Não há, porém, retorno, nesse fluir da vida humana, ao contrário do que sucede nas estações do ano. O ocaso da velhice não trará de regresso a juventude, antes conduzirá, inelutavelmente, ao fim definitivo, à morte.

Esse não é, porém, motivo para qualquer assomo de pessimismo, antes razão para, reconhecida, deste modo, a transitoriedade da existência, aí colher proveito e ensinamento: na incerteza do amanhã, consciente da única certeza que é a morte, viver em moderação e sem excessivas ambições.

Assim congrega Horácio, nesta ode, alguns dos seus temas predilectos:

- a) As estações do ano, desde logo. Esta é, de resto, a segunda das chamadas Odes de Primavera horacianas. A imagem inicial traz-nos a evocação dos campos verdejantes, dissipados os nevões *invernīs*, regressada a folhagem às árvores.
- b) E, logo depois, em busca da lição da natureza, sucedem-se em quatro versos as demais estações, cada uma com sua marca: o frio do Inverno, apaziguado pelo sopro temperado dos Zéfiro, o Verão que deixa para trás a Primavera, antes de morrer, também ele, diante do Outono, momento de colheitas e de frutos e, uma vez mais, o Inverno, tempo de inércia e recolhimento.
- c) A natureza, que a essas mesmas estações do ano surge associada, ornada com os tons sensuais que lhe empresta um quadro mitológico: a Graça e as Ninfas a dançarem em esplendorosa nudez.
- d) O amor e a sensualidade, que dessa pintura mitológica ressalta.
- e) A consciência da fugacidade da vida e, portanto, da ilusória dimensão de seus sucessos e insucessos, a fragilidade de riquezas materiais. A pergunta “Quem sabe se à soma dos dias de hoje hão-de acrescentar amanhã os deuses do alto?” é, em si mesma, uma espécie de conclusão, ao mesmo tempo que ponto de partida para uma lição de vida: é inútil, tão inútil quanto insensato, assumir como projecto riquezas e honrarias; a morte a todos acolherá por igual, e esse é um caminho no qual não há retorno; ao contrário, afinal, do que sucede no tempo e na natureza, onde o fim do Inverno é o início de um ciclo renovado.

### 3. Estrutura

Toda a ode como que se organiza em ciclos, mais ou menos fechados, de quatro versos, eventualmente agrupáveis dois a dois.

De 1 a 4, retrata-se a Primavera, a memória das neves que se esvaíram já, o verde a tomar conta da paisagem, os rios aliviados da força das águas do degelo e a correr, sem sobressaltos, dentro das suas margens.

5 e 6 acrescentam ao quadro um elemento mitológico, como se fosse parte da paisagem (a nudez das Graças e Ninfas), a abrir a porta à advertência de 7 e 8: a imortalidade é algo vedado aos homens, sujeitos às leis inexoráveis do tempo.

9 a 12 descreve, com notável concisão (a fazer jus ao que do tempo se dizia atrás), a sucessão das estações.

13 a 16 retoma o sentido da advertência de 7-8: ao contrário do que sucede na natureza e no tempo, onde cada estação repara os danos causados por aquela que a precedeu, ao homem apenas o espera o reino dos mortos e a conversão em “sombra e poeira”.

O conjunto 17-20 abre com uma interrogação retórica, em jeito de confirmação de quanto se contém entre 1 e 16, logo seguida do preceito epicurista que dela decorre: assim como o tempo, também a riqueza acumulada se esvai num ápice.

Os últimos oito versos (21-28) são a conclusão óbvia de quanto se veio enunciando: ao contrário do que sucede nas estações, não há devir cíclico na vida do homem. Chegada a hora derradeira e atingido o reino dos mortos, não é possível o retorno. A insistência na negativa *non... non... non... neque... nec* (23, 25, 27) contrapõe-se às afirmações inequívocas dos versos iniciais.

### 4. Notas

*Diffugere* – pretérito perfeito, que se contrapõe ao presente *redeunt*. A imagem que se pretende é a de que o Inverno terminou já e os seus sinais fazem parte do passado.

Sublinhe-se o quiasmo *gramina campis arboribusque comae*.

*Mutat terra uices* – indicação inequívoca de que, na natureza, o tempo opera por ciclos.

*Audet... nuda* – talvez para tornar evidente o início de um clima mais moderado (QUINN).

*Immortalia... diem* – contrapõe-se a *mutat terra uices*. Ao contrário do que sucede na natureza, não deve o homem esperar que o tempo passado se repita.

*Frigora...* - sublinhe-se o modo quase vertiginoso como o poeta retrata o fluir das estações. *Aestas*, em *uer proterit aestas*, é, obviamente, sujeito, estrategicamente colocado em posição final e em projecção para o verso seguinte, sugestivamente iniciado com *interitura*. A projecção, de resto, domina estes quatro versos, a vincar bem a marcha incessante do tempo.

*Bruma iners* – concepção de Inverno como uma espécie de tempo de estagnação.

*Nos ubi decidimus* e, mais adiante (21), *cum semel occideris* – cf. Catulo, 5.5-6: *nobis, cum semel occiderit brevis lux / nox est perpetua una dormienda*. O princípio é, afinal, o mesmo, posto que o objectivo seja algo diverso.

Tulo Hostílio e Anco Márcio terão sido, de acordo com a lenda, reis de Roma.

17-20 (*Quis scit...*) – interrogação retórica que ecoa um princípio recorrente em Horácio: *quid sit futurum cras / fuge quaerere* (“o que há-de ser o amanhã, foge de o perguntar, *Odes*, 1.9.13); ou *carpe diem, quam minimum credula postero* (“colhe o dia, o menos fiada possível no amanhã”, *Odes*, 1.11.8).

*Cum semel occideris* – vd. supra.

*De te Minos fecerit arbitria* – Minos era, com Éaco e Radamante, um dos juízes do Hades.

*Non genus, non facundia, non pietas* – note-se a acumulação trimembre, em crescendo, associada a uma anáfora.

Os pares Diana e Hipólito e Teseu e Pirítoo (25-28) são exemplos de lealdade e dedicação: gostaria Diana, a deusa casta, se pudesse, de libertar Hipólito, que lhe era tão dedicado, da morte; não lhe foi, porém, consentido; como tentou Teseu, libertado dos Infernos por Hércules, alcançar a libertação da morte do seu amigo Pirítoo; também lhe não foi possível. Do mesmo modo, jamais o homem, depois de empreender o caminho do Hades, logrará retornar à vida.

---

**5. Tradução**

Fugiram as neves, volta já a relva aos campos  
e às árvores a folhagem;  
muda a terra o seu tempo, e os rios perdem força  
e correm dentro das margens;  
a Graça com as Ninfas e as duas irmãs ousa, 5  
na sua nudez, conduzir os coros.  
Não esperes a imortalidade, adverte o ano e a hora  
que arrebatá consigo o dia benfazejo.  
O frio desvanece-se ao sopro do Zéfiro, a Primavera, empurra-a o Verão,  
que também há-de morrer, assim que 10  
o Outono carregado de frutos derramar os seus dons, e logo depois  
sobrevém a inércia do Inverno.  
Os danos vindos do céu, as luas, na sua sucessão, os reparam;  
nós, quando partimos  
para onde estão o pai Eneias, para onde estão o rico Tulo e Anco, 15  
pó e sombra é o que somos.  
Quem sabe se à soma dos dias de hoje hão-de acrescentar amanhã  
os deuses do alto?  
Às mãos ávidas do herdeiro há-de escapar tudo quanto tiveres dado  
ao teu coração amigo. 20  
Quando morreres e sobre ti fizer Minos  
seu imponente julgamento,  
nem a tua nobreza, ó Torquato, nem a tua prosápia nem a tua  
piedade te hão-de restituir à vida;  
das trevas dos infernos não liberta Diana 25  
o casto Hipólito,  
nem Teseu tem força para romper as cadeias leteias  
ao seu querido Pirítoo.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ